

Congresso Ibérico
Ensino Superior em Mudança: Tensões e Possibilidades

Interagir com o mundo do trabalho: ensino colaborativo e voluntariado

Paula Santos

Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego (ESTGL) – Portugal

Email: psantos@estgl.ipv.pt

Alvaro Bonito

Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego (ESTGL) – Portugal

abonito@estgl.ipv.pt

Resumo

Apesar das diversas políticas de cooperação e parcerias europeias (comunitárias e extra-comunitárias), a falta de empregabilidade constitui um dos principais desafios aos quais é urgente responder eficientemente. Para isso, as instituições de ensino superior têm um papel fundamental, quer na oferta de formações de qualidade e adequadas às necessidades do mercado e envolvente onde se inserem, quer na preparação de profissionais que consigam responder às necessidades reais das organizações, empresas e instituições, públicas ou privadas, nacionais ou internacionais. O nosso artigo pretende apresentar uma abordagem acerca de metodologias de ensino e de interacção das instituições de ensino com a sua envolvente socioeconómica, que promovam as suas formações e a empregabilidade dos alunos, aliando o *saber-saber* ao *saber-ser/estar* e ao *saber-fazer*, em termos de eficiência, eficácia e qualidade.

Assim, pretendemos apresentar o nosso projecto de escola onde se favorece o contacto directo durante a formação com o mercado de trabalho, através do ensino colaborativo e voluntariado.

Palavras-chave – ensino colaborativo, voluntariado, competências, projecto de escola, empregabilidade

1. Ensinar no ensino superior – o desafio da empregabilidade

Ensinar no ensino superior, universitário ou politécnico, implica estar consciente dos desafios que os futuros profissionais irão enfrentar no mercado de trabalho, devido à concorrência, competitividade e dificuldade generalizada relativamente ao emprego. De facto, apesar das diversas políticas de cooperação e parcerias em termos europeus (comunitários e extra-comunitários), a empregabilidade é um dos principais desafios ao qual é urgente responder de forma eficiente.

Segundo dados estatísticos do Instituto Nacional de Estatística (INE),

“(…) A taxa de desemprego dos indivíduos com nível de escolaridade correspondente ao ensino secundário e pós secundário aumentou 2,0 pontos percentuais, face ao trimestre homólogo, e 0,6%, face ao anterior. A taxa de desemprego dos indivíduos com ensino superior aumentou 0,1 pontos percentuais, face ao trimestre homólogo, e manteve o nível do trimestre anterior.” (INE, 2009)

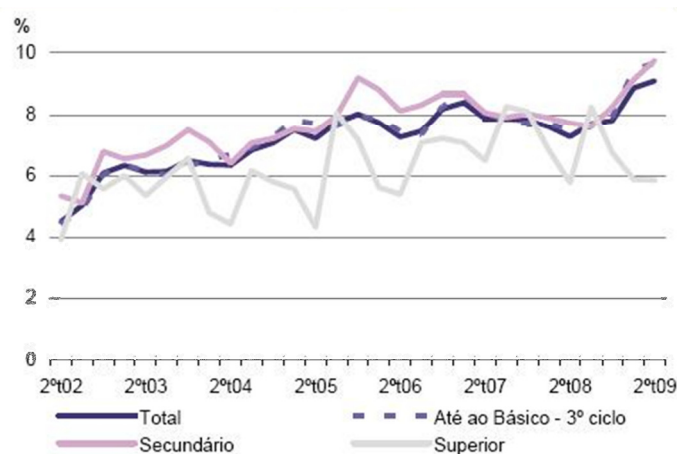


Figura 1 - Taxa de desemprego por nível de escolaridade completo
(Fonte: INE, 2º Trimestre, 2009)

As instituições de ensino superior têm um papel fundamental neste desafio, quer através da oferta de formações de qualidade e adequadas às necessidades do mercado e à envolvente socioeconómica onde estão inseridas, quer pela preparação de profissionais que consigam responder às necessidades reais das organizações, públicas ou privadas, através da eficiência da sua actuação enquanto profissionais assertivos, ou seja, conseguir mobilizar os conhecimentos perante qualquer situação, no momento certo e com discernimento (cf. Perrenoud, 1999a).

A formação no ensino superior deve, por isso, apostar em diversos métodos que convirjam na aquisição e consolidação das competências profissionais, ou seja, deve conseguir preparar os futuros profissionais a três níveis fundamentais: aliando o *saber-saber* (conhecimentos científicos), o *saber-ser/estar* (postura e assertividade) e o *saber-fazer* (realização de tarefas) de forma integrada. Desta forma, o aluno e futuro profissional conseguirá mobilizar e conjugar todas essas capacidades para conseguir resolver novas situações (cf. Boterf, 1994).

Essa conjugação de saberes implica, por isso, a própria conjugação de esforços entre as instituições de ensino e as entidades empregadoras, promovendo-se uma cooperação estratégica para melhorar a competitividade, qualidade e a produtividade do mercado, através de uma responsabilidade partilhada, onde se evidenciam três vectores indissociáveis: o saber interagir, o poder interagir e o querer interagir (Le Boterf, 2005, *apud* Viana, s/d).

2. Construção do conhecimento – competências, ensino colaborativo e voluntariado

Para que a relação estratégica formação-mercado seja uma parceria de sucesso, implica que professores/formadores entendam a centralidade que ocupa a problemática de formar com base no conceito de competência¹, ou seja, a capacidade de aplicar os conhecimentos científicos a situações novas e complexas, conseguindo geri-las e resolvê-las² eficientemente, isto é, ser capaz de realizar tarefas e gerir situações, de acordo com os conhecimentos e experiência adquiridos (cf. Perrenoud, 1999). Desta forma, o professor não ensina apenas a resolução de um problema específico. Ele fornece as bases e os quadros conceptuais gerais que permitam aos futuros profissionais resolver

qualquer situação, garantindo capacidade de adaptabilidade e adequabilidade às situações complexas reais, bem como a obtenção dos resultados esperados.

A competência implica, por isso, sempre uma acção, fundamentada em conhecimentos teórico-práticos adquiridos, que tem um objectivo (resultado) esperado e que torna toda a acção desenvolvida intencional e não meramente comportamental. Assim, o ensino direccionado para a competência permite ainda a motivação adicional dos alunos. Na realidade, como todas as tarefas/acções são, simultaneamente, intelectuais e físicas, conseguem apelar à mobilização dos alunos para a concretização dos objectivos propostos³, já que eles sabem o que se espera deles⁴ e compreendem que o saber-saber tem aplicação no seu quotidiano profissional e lhes permite desenvolver-se enquanto profissionais e cidadãos.

Não queremos, no entanto, defender com isto a instrumentalização do saber. A competência serve, pelo contrário, para demonstrar que num saber, as definições, as distinções e os conceitos, os desenvolvimentos teóricos e as experiências constituem instrumento que tem como objectivo a resolução de problemas. Evita-se, desta forma, a visão da formação superior como uma acumulação de conhecimentos, muitas vezes desconexos, direccionando a aprendizagem para o domínio de estratégias e competências chave e concedendo finalidade a todos os conhecimentos, ou como afirma Perrenoud (1999a: 13) a “faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações (...) ligadas a contextos culturais, profissionais e condições sociais”⁵.

A construção do conhecimento pode ser então considerada como um processo contínuo, que implica momentos de aprendizagem de conhecimento abstracto e descontextualizado que decorrem, muitos deles, em sala de aula e que terão de ser enquadrados através de outras experiências que ultrapassem o espaço físico da escola, permitindo que a aprendizagem ocorra em função da actividade, do contexto e ou da cultura.

“The notion of situated learning now appears to be a transitory concept, a bridge, between a view according to which cognitive processes (and thus learning) are primary and a according to which social practice is the primary, generative phenomenon, and learning is one of this characteristics.” (Lave and Wenger, 1991).

Este processo de aprendizagem, e perante as novas exigências contemporâneas, tem de ser obrigatoriamente encarado como um processo colaborativo, de partilha e de interacção, onde todos os intervenientes se sintam realmente motivados para participar: no caso da formação no ensino superior, o professor terá de estar motivado para transmitir o seu conhecimento científico através de metodologias interactivas e para conseguir interagir simultaneamente com diferentes formas e velocidades/ritmos de aprendizagem; o aluno, por sua vez, terá de estar motivado para acolher o conhecimento teórico-conceptual para o conseguir utilizar na resolução e gestão de situações que se lhe podem apresentar enquanto simulações ou enquanto situações reais do seu quotidiano profissional. Toda esta interacção, professor-aluno, terá de ser sempre numa óptica de equipa, onde a ideia de *empowerment* seja uma realidade constante⁶.

Em suma, a aprendizagem colaborativa é uma situação onde ocorrem formas de interacção entre pessoas (neste caso professor e alunos) capazes de desencadear mecanismos de aprendizagem efectiva – uma comunidade de construção de conhecimento, de acordo com a terminologia de Brown e Campione.

A capacidade de demonstrar ao aluno o seu papel pró-activo no processo de construção da sua aprendizagem é fulcral para o sucesso da aprendizagem colaborativa – o aluno consciencializa-se da sua responsabilidade na construção do seu percurso formativo, procurando maximizar os recursos ao seu dispor e tornando-se num construtor mais activo do seu conhecimento e desenvolvendo uma maior capacidade crítica. O professor terá apenas de procurar direccionar a aprendizagem dos alunos, controlando as suas capacidades metacognitivas e assegurando que as competências e os conhecimentos básicos são devidamente adquiridos, ou seja, que os objectivos de aprendizagem definidos sejam alcançados. Com a promoção dessa consciencialização e pró-actividade, o aluno ganha ainda um interesse acrescido em se envolver na comunidade envolvente, desenvolvendo tarefas/projectos que promovam a região.

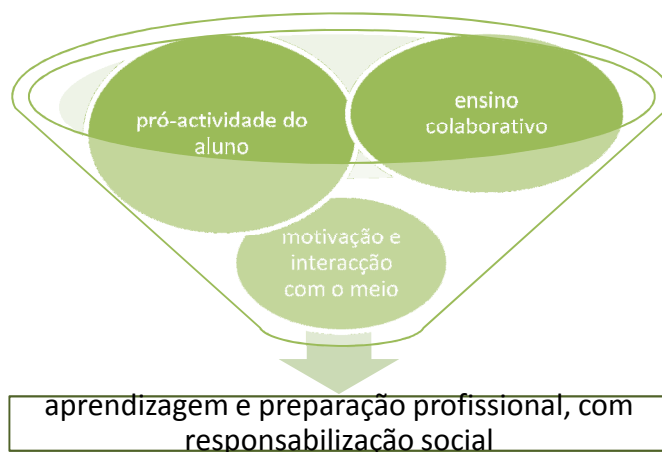


Figura 2 - processo de ensino colaborativo e impacto na responsabilização social (fonte própria)

A par do ensino/aprendizagem colaborativa existem ainda outros métodos que contribuem para o reforço do processo de construção do conhecimento. De todos, consideramos que o trabalho de projecto e o voluntariado constituem dois pilares essenciais na Escola actual. De facto, preparar os alunos para trabalhar em equipa, desenvolver o espírito crítico e ter capacidade de enfrentar situações novas e complexas e resolver problemas são grandes desafios da formação e a utilização destes métodos garantirá, não só o incentivo à investigação e ao desenvolvimento de processos metacognitivos dos alunos (projecto), como também a sua capacidade de contacto com o mundo profissional e com situações reais (voluntariado) onde poderão aplicar os conhecimentos adquiridos para a realização de tarefas/actividades que permitam uma maior responsabilização social dos futuros profissionais e uma maior consciencialização no contexto da região onde se inserem.

Enquanto o projecto permite a articulação entre conhecimentos adquiridos na formação escolar e a vida profissional, bem como entre os conteúdos das múltiplas unidades curriculares, o voluntariado resulta de uma aprendizagem em ambiente real, durante períodos limitados, nos quais os alunos estão em espaços profissionais ou contextos sociais, consolidando conhecimentos e

testando hipóteses⁷, reflectindo sobre as acções desenvolvidas, o que permite a todos os *stakeholders* uma capacidade efectiva e contínua de avaliar os resultados obtidos na formação (ensino colaborativo e tradicional) e no voluntariado.



Figura 3 – Voluntariado e avaliação (fonte própria)

Além disso, implica também uma intervenção planificada e orientada, quer em termos de resultados, quer relativamente às diferentes etapas a realizar pelos voluntários. Quer dizer, o voluntário não substitui, nem deve substituir, os destinatários na realização de tarefas, mas participa em actividades que contribuam para o desenvolvimento da Comunidade. O voluntariado deve, sobretudo, criar sinergias organizacionais.

O voluntariado tem ganho uma importância crescente nos últimos anos, sendo reconhecido pela própria União Europeia⁸ o seu valor socioeconómico para as regiões, contribuindo para o aprofundamento da cidadania e responsabilidade social. Segundo o documento de trabalho da Comissão do Desenvolvimento Regional (2007), sobre o contributo do voluntariado para a coesão económica e social da UE, o voluntariado é entendido como uma actividade gratuita, realizada de livre vontade, consciente, que traz benefício a terceiros e está aberto a todos. Além disso, a Resolução do Parlamento Europeu final de Abril de 2008 que aprovou o documento evidencia as inúmeras vantagens da aposta no voluntariado, das quais realçamos:

- constitui uma expressão da democracia participativa que facilita a cidadania activa (desenvolvimento de consciência crítica e activa relativamente ao mundo e sociedade na qual se insere)⁹;
- permite aos cidadãos tornarem-se agentes de mudança na sua própria comunidade;
- concede ao cidadão um papel significativo a desempenhar na prestação de um contributo positivo à vida da comunidade;
- pode ser um antídoto para os efeitos negativos da globalização em que os cidadãos actuam como catalisadores de mudança ao influenciarem acções a nível local, de modo a melhorar a qualidade de vida económica e social da comunidade;

- facilita a criação de elevados níveis de capital social, conceito cada vez mais utilizado por várias organizações (por exemplo, a OCDE e o Banco Mundial) no contexto da economia local e do desenvolvimento social, da exclusão social e da economia social emergente;
- e contribui para uma mudança societal positiva.

Neste sentido, a Escola constitui uma instituição por excelência para a promoção da cidadania e, conseqüentemente, do voluntariado, concedendo aos seus alunos, através de parcerias com outras entidades, a possibilidade de intervirem na comunidade, nas áreas onde se estão a especializar (voluntariado empresarial, tecnológico, educativo, cultural, social, etc.), promovendo a sua empregabilidade¹⁰ e mesmo a inclusão social¹¹. Esta prática deve tornar-se, por isso, um ponto central no Projecto de Escola, através dum programa de formação e de integração para o voluntariado, permitindo aos alunos conhecerem as funções que lhes estão destinadas, bem como os possíveis públicos-alvo e objectivos de cada projecto.

3. Projecto de Escola – como aliar o ensino às necessidades do mundo do trabalho

A ESTGL, ciente do seu papel na formação de profissionais qualificados, da sua responsabilidade social e preocupada com a empregabilidade dos seus alunos, tem vindo a promover um Projecto de Escola, que envolve professores e alunos, directamente vocacionado para uma interacção pró-activa e permanente com a comunidade local/regional/nacional e que possa substituir, de alguma forma, a ausência de estágios integrados. Ou seja, este projecto pretende, depois de promover o ensino colaborativo e a pró-actividade dos alunos e recém-licenciados, estabelecer parcerias efectivas com instituições públicas e privadas para o desenvolvimento de actividades/projectos de voluntariado pelos alunos, em ambiente real de trabalho, de acordo com as áreas de licenciatura e devidamente orientados pelos professores. Ou seja, após o desenvolvimento de aulas colaborativas¹², seria importante proporcionar actividades no terreno, onde os alunos se envolvessem pró-activamente na resolução de situações reais, consolidando conhecimentos apreendidos e melhorando a sua consciência de responsabilidade social.

Assim, podemos identificar duas grandes categorias de objectivos do voluntariado da ESTGL:

1. quanto à *comunidade escolar* da ESTGL:
 - divulgar os serviços que podem ser oferecidos pela Escola à comunidade;
 - promover o espírito de comunidade;
 - envolver os alunos em acções/projectos em prol da comunidade;
 - consciencializar os alunos e professores da sua responsabilidade social e cívica;
 - promover o contacto dos alunos com o mundo do trabalho ao longo da formação;
 - consolidar conhecimentos através da sua aplicação;
 - desenvolver as capacidades de trabalho em equipa, responsabilidade profissional e capacidade de planificação e gestão de situações;
 - promover a capacidade crítica e auto-crítica dos alunos;
 - desenvolver capacidades de desempenho em equipas multidisciplinares;
 - potencializar a empregabilidade dos futuros licenciados;

- permitir aos alunos ser confrontados com situações novas e complexas, às quais terão de saber dar respostas eficientes;
2. quanto à *envolvete socioeconómica* da ESTGL:
- participar na criação de uma estratégia concertada de promoção da região e de desenvolvimento e potencialização de todos os recursos disponíveis;
 - promover a cooperação com as entidades locais e regionais, de forma a qualificar profissionais, de acordo com as necessidades reais do mercado;
 - desenvolver projectos que permitam a requalificação e/ou preservação do património natural e/ou edificado da região;
 - potencializar o património e a sua rentabilização através da aplicação de projectos relacionados com o turismo;
 - desenvolver projectos centrados no levantamento dos dados populacionais e patrimoniais dos diversos concelhos e freguesias, que permitam aos autarcas desenvolver estratégias de apoio social, de requalificação e de desenvolvimento;
 - dar apoio de *front-office* e *back-office* às iniciativas das entidades parceiras, envidando todos os esforços para a boa realização de todas essas actividades e para o reforço de uma imagem de qualidade de toda a região.

O aluno, depois de esclarecido acerca do projecto de voluntariado, deve sempre demonstrar a sua vontade em participar, dada a gratuidade das tarefas desenvolvidas¹³. Neste sentido, estão já em funcionamento desde 2008 diferentes áreas de actuação, nomeadamente, o voluntariado cultural, de secretariado e eventos e o voluntariado social¹⁴. Ao nível do *voluntariado cultural*, desenvolvido pelas licenciaturas de Informação Turística e Gestão Turística, Cultural e Patrimonial, de todos os protocolos e actividades que se têm vindo a realizar, destacamos o último protocolo estabelecido com a paróquia de Santa Maria de Salzedas (Tarouca) em 2008-2009, onde uma equipa de alunos, depois de participar em diversas actividades durante o ano lectivo na paróquia, participou durante o Verão em diversas tarefas:

- apoio no acompanhamento de turistas nas visitas guiadas aos monumentos;
- tratamento e organização do arquivo do Dr. Almeida Fernandes (historiador) para futura criação da sua Fundação em Tarouca: catalogação, fotografia, tratamento de conservação e restauro, criação de base de dados, etc.
- participação em actividades arqueológicas em diversos monumentos.

Estas actividades serão aprofundadas durante o ano lectivo 2009-2010, através da orientação dos alunos para a realização de trabalhos e projectos acerca da riqueza cultural e patrimonial de Salzedas. Estes trabalhos serão feitos com acompanhamento de docentes e pretende-se a aplicação de conhecimentos/competências de diferentes unidades curriculares, de forma integrada¹⁵.

A mais-valia do voluntariado cultural passa por não deixar perder o património imaterial, bem como efectuar o levantamento sobre o edificado para evitar perder essa riqueza e legado secular.

Quanto ao *voluntariado de secretariado e de eventos*, desenvolvido essencialmente pela licenciatura de Secretariado de Administração, foram desenvolvidas durante o ano lectivo de 2008-2009 duas vertentes de actuação. Na primeira, os alunos, orientados por docentes, prestaram apoio

na organização/realização de diversos eventos (*front-office* e *back-office*), como a seguir exemplificamos.

VOLUNTARY WORK ON EVENTS		
EVENT	PROMOTER	HOURS
I Simpósio de Direito do Turismo – <i>Lex Turistica Duriensis</i>	ESTGL 03 Outubro 2008	8
<i>Hotelaria e Turismo no Douro: que estratégia empresarial?</i>	AEHTD 21 Novembro 2008	8
<i>A responsabilidade dos cidadãos no combate à crise económica e financeira</i>	Caritas Diocesana de Lamego 14 Março 2009	4
<i>Fórum “Construção Europeia: Instituições e Cidadania”</i>	Centro <u>Europe Direct</u> (C.M.Lamego) ESTGL 27 Março 2009	5
<i>II Jornadas da ESTGL – A Qualidade na Administração</i>	ESTGL 22 Maio 2009	8
<i>I Festival de Gastronomia do Douro</i>	<u>HTDouro</u> e ESTGL 23-26 Julho 2009	36

Figura 4 - Apoio a eventos prestado pelo Voluntariado 2008-2009 (fonte própria)

Na segunda vertente desta área de voluntariado, foi estabelecida uma parceria com o Município de Lamego para o acolhimento de alguns alunos finalistas para o apoio a diversos serviços (180 horas/voluntário). O Município já acolheu três voluntárias que desempenharam tarefas de secretariado e organização, sob orientação de um supervisor¹⁶.

Além disso, para permitir a consolidação dos conhecimentos e da experiência adquirida, foi ainda criada uma página *web* da licenciatura, uma rede social electrónica, bem como clubes de investigação, nas diferentes áreas científicas do curso. Com estes mecanismos permite-se o acesso a todas as informações/actividades agendadas e fomenta-se o interesse e a inserção dos alunos no voluntariado e na investigação.

Esta área de voluntariado visa auxiliar de forma eficaz e eficiente todo o tipo de assessorias organizacionais promovendo as boas práticas, a desmaterialização e a consciencialização das condutas éticas nos recursos humanos. Nesse sentido, estas actividades de voluntariado, embora englobem o total das competências adquiridas no plano curricular, inserem-se directamente nas unidades curriculares de Práticas e Técnicas de Secretariado. No que toca aos clubes de investigação, no início deste ano lectivo foram já iniciados 3 clubes, nomeadamente: secretariado, língua portuguesa e expressividade e língua inglesa. Os alunos são convidados a participar e quem desejar inscreve-se no clube pretendido e passa a ter um cronograma de tarefas, orientadas pelos docentes responsáveis.

Finalmente, dentro do *voluntariado social* destacamos o projecto da licenciatura de Serviço Social que teve a primeira experiência no último ano lectivo, no âmbito da unidade curricular de Planeamento Económico-Social¹⁷, e que, pelos bons resultados obtidos, será reforçada no ano de 2009-2010. Este projecto consiste no estabelecimento de parcerias com as Juntas de Freguesia, para a elaboração de levantamentos e estudos socioeconómicos, realizados por grupos de alunos orientados pelos docentes responsáveis. Posteriormente, os estudos darão origem à apresentação de trabalhos aos responsáveis políticos, juntamente com propostas de intervenção para apoio social e requalificação patrimonial. Neste sentido, recebemos já um pedido formal da Vereadora da Acção

Social da Câmara Municipal de Lamego para que seja realizado, no âmbito deste voluntariado um levantamento sobre a pobreza no concelho de Lamego, durante o 1º semestre de 2010.

Com o inquestionável envelhecimento populacional, a criação de bases de dados sociais são fundamentais para que os organismos possam alcançar os objectivos nacionais e regionais em termos de criação de centros e serviços sociais. Para além deste factor, outros são relevantes, o desemprego e todos os dados referentes a este, são uma realidade para a qual urge planear e implementar soluções. O voluntariado social tem aqui uma função primordial, através da pesquisa, contacto com as populações, interacção com serviços públicos/privados e, sobretudo, na criação de uma base de recursos humanos.

4. Considerações finais

Através das actividades desenvolvidas pela Associação de Voluntariado da ESTGL temos contribuído para a prossecução dos objectivos formativos e para a própria promoção e desenvolvimento da região duriense. Todas as entidades que têm colaborado em termos de voluntariado com a ESTGL são unânimes a louvar a iniciativa e a qualidade do trabalho desenvolvido. De facto, podemos verificar que os alunos que se envolveram nestes projectos se tornaram mais empenhados e mais pró-activos. Consideram que este tipo de actividades, juntamente com as aulas colaborativas, é da maior relevância para a sua formação, já que fomentam o desenvolvimento e reforço de diferentes competências que eles necessitam para o seu futuro profissional.

Apostar num ensino de proximidade baseado no desenvolvimento de competências (específicas e transversais) é apostar na qualificação e na eficiência dos futuros profissionais. Aliar à qualificação certificada (cf. Rey *et al.*, 2005) dos recursos humanos a consciencialização e a responsabilização social permite ainda o reforço da própria cidadania. Aliar a formação superior ao mundo do trabalho é apostar definitivamente no aumento da competitividade, no desenvolvimento sustentável e na criação de riqueza das regiões.

Autores

Santos, Paula Marques

Phd, Ms, PG, Bsc in International Relations

Coordinator of the Post-Graduate and long life learning and of the Bachelor Degree of Administrative Assistance (Secretarial Studies) of ESTGL

Email: psantos@estgl.ipv.pt

Bonito, Álvaro

Ms in Education Psychology, PG in High Management, Bsc in Geography

Director of ESTGL

Email: abonito@estgl.ipv.pt

School of Technology and Management of Lamego (ESTGL)

Av. Visconde Guedes Teixeira

5100-074 Lamego – Portugal

Telephone: +351 254 615 477 Fax: +351 254 613 029

¹ A noção de competência impôs-se por oposição à noção tradicional de qualificação (conjunto de *saberes-fazer* e técnicas adquiridas através de uma formação oficialmente reconhecida), onde as organizações e empresas lamentavam o distanciamento entre as formações escolares e a realidade do trabalho. Cf. Rey *et al.*, 2005, pp. 21-22.

² Estas situações podem ser realizadas em dois contextos. No primeiro, falamos essencialmente de simulações, durante a formação (role-plays e/ou estágios e voluntariados em contextos reais de trabalho), Na segunda situação, falamos no desempenho efectivo da actividade profissional, após a conclusão da formação superior.

³ Os objectivos e a forma de os avaliar são previamente negociados entre o professor e os alunos.

⁴ A utilização do ensino por competências implica que os professores reflectam sobre o que pretendem que os alunos saibam fazer no final de uma aula ou de um período. Além disso, a competência a ser trabalhada por acção pedagógica do professor, deveria constituir um incentivo à multiplicação das actividades pedagógicas propostas, através de métodos que aliem a transmissão de conteúdos teóricos com técnicas activas e pró-activas. Esta situação demonstra como a profissão de professor também está obrigatoriamente em grande transformação, exigindo a adopção de técnicas e práticas pedagógicas diversificadas. Sobre este assunto *vide* Perrenoud, Philippe (2000). *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre, Artmed Editora.

⁵ Podemos distinguir 3 diferentes níveis de competências, desde as elementares que “(...) não deixam de ter relação com os programas escolares e com os saberes disciplinares: elas exigem noções e conhecimentos de matemática, geografia, biologia, física, economia, psicologia; supõem um domínio da língua e das operações matemáticas básicas; apelam para uma forma de cultura geral que também se adquire na escola” (Perrenoud, 1999b), até às complexas (aplicação de conhecimentos a situações desconhecidas e complexas), passando pelas interpretativas, onde se adapta os processos conhecidos a situações/tarefas desconhecidas

⁶ A ideia de *empowerment* presume mais do que o próprio trabalho em equipa, já que existem valores e princípios baseados em códigos de ética e de boa governança, fundamentalmente dentro do que se denomina boas práticas para a cidadania.

⁷ A utilização do voluntariado como forma de contacto com o mundo profissional permite ainda, nas licenciaturas adaptadas ao Processo de Bolonha, colmatar a ausência da realização de estágios ou experiências pedagógicas em contexto profissional.

⁸ Como exemplos da importância dada pela UE ao voluntariado, podemos referir a acção 2 – Serviço Voluntário Europeu – do Guia do Programa da Juventude em Acção da Comissão europeia (cf. www.ec.europa.eu/youth) ou mesmo a definição do Ano Europeu do Voluntariado (2011).

⁹ *Vide* também a Declaração Universal sobre o Voluntariado (1999), ONU.

¹⁰ Os voluntários adquirem uma gama de aptidões e competências que vão desde as chamadas *hard skills* ou competências técnicas (profissionais), passando pelas competências ao nível da organização e da gestão do tempo, da avaliação e da produção de informação, pelas competências ao nível do planeamento e da orçamentação, até às chamadas *soft skills* ou competências comportamentais (interpessoais) – competências comunicacionais e negociais. Tal situação ajudaria ainda à consecução dos próprios objectivos definidos na Estratégia de Lisboa.

¹¹ Enquanto experiência de aprendizagem informal e não formal, o voluntariado oferece reais oportunidades aos excluídos do sistema de ensino formal e também aos desempregados de longa duração.

¹² Neste contexto, as aulas colaborativas têm sido desenvolvidas através da participação de três intervenientes: o professor (responsável por organizar, planificar e orientar todo o trabalho da unidade curricular de acordo com os objectivos e competências definidas), o aluno (motivado a desenvolver uma atitude activa e interventiva em todo o processo formativo) e formadores externos (considerados especialistas em diversas áreas e que participam na sessões para partilhar os seus conhecimentos, experiências profissionais e para alertar para problemas que os alunos podem encontrar no terreno). Além disso, pretende-se desta forma também trazer a comunidade externa à Escola para conhecer a nossa forma de trabalhar e externalizar a própria Escola, desenvolvendo a ideia de Escola aberta e em constante mutação/dinamismo.

¹³ De todas as actividades em que colaboram, é contabilizado o total de horas de voluntariado. Essas horas e tarefas dão origem à emissão de declarações comprovativas que, posteriormente serão contabilizadas no Suplemento ao Diploma do recém-licenciado.

¹⁴ Estes projectos têm vindo a ser desenvolvidos essencialmente desde o ano lectivo de 2007-2008. Neste sentido foi criada uma Associação de Voluntariado Social, a qual se encontra neste ano em fase de reestruturação para que possamos alargar a mesma e os seus objectivos a outras áreas de voluntariado que entretanto ganharam grande importância no Projecto de Voluntariado da ESTGL, e pensando já noutras possíveis áreas a apostar no futuro.

¹⁵ Apesar do objectivo ser permitir aos alunos uma aplicação interactiva entre os conhecimentos e as competências adquiridas nas diversas unidades curriculares, o voluntariado cultural insere-se especificamente nas seguintes unidades das licenciaturas referidas:

¹⁶ Das três voluntárias que apoiaram os serviços da C. M. de Lamego, duas eram alunas do 2º ano da licenciatura (estando a frequentar este ano lectivo o 3º ano). A terceira aluna voluntária era finalista da licenciatura, tendo já finalizado a mesma. Comprovando a importância destas experiências está a contratação desta última voluntária para a realização de um estágio profissional na mesma instituição.

¹⁷ Os trabalhos foram realizados sob a orientação da docente Ana Branca Carvalho, tendo sido feito o levantamento de uma Junta de Freguesia (Sé), dentro dos conceitos de políticas sociais. No final do semestre,

os trabalhos foram apresentados numa sessão pública, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Lamego, I Fórum Autárquico, onde estiveram presentes, não só o presidente da Junta de Freguesia da Sé, como os representantes das restantes freguesias. A qualidade dos trabalhos e das propostas de intervenção apresentadas teve o louvor de todos os responsáveis políticos que solicitaram que estudos semelhantes fossem realizados nas suas freguesias.

Referências

Barreira, A.; Moreira, M. (2004). *Pedagogia das Competências*, Porto: Asa Editores.

Declaração Universal sobre o Voluntariado (1999), ONU.

“Documento de trabalho sobre o contributo do voluntariado para a coesão económica e social” (Dezembro de 2007). DT\691799PT.doc PE 396.679v01-00. Comissão do Desenvolvimento Regional do Parlamento Europeu, Visualizado em <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+REPORT+A6-2008-0070+0+DOC+XML+V0//PT#title3>, 01/08/2009.

Estatísticas do Emprego 2009 (2nd quarter, 2009). Lisboa: INE.

Lave, J. and Wenger, E. (1991). *Situated Learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge USA: Cambridge University Press.

Perrenoud, Ph. (1999a). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed.

Perrenoud, Ph. (1999b). Construir competências é virar costas ao saber?, *Pátio. Revista pedagógica* (11), 15-19.

Perrenoud, Ph. (2000). *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Perrenoud, Ph. (2001a). *Porquê construir competências a partir da escola? Desenvolvimento da autonomia e luta contra as desigualdades*. Porto: Edições Asa.

Perrenoud, Ph. (2003), 2ª ed. *Porquê construir competências a partir da escola? Desenvolvimento da autonomia e luta contra as desigualdades*. Porto: ASA Editores.

Rey, B.; Carette, V.; DeFrance, A. & Kahn, S. (2005). *As competências na escola. Aprendizagem e avaliação*. V. N. Gaia: Gailivro.

“Resolução do Parlamento Europeu” (22 de Abril de 2008), sobre o contributo do voluntariado para a coesão económica e social (2007/2149(INI)). Parlamento Europeu, visualizado em <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?type=TA&reference=P6-TA-2008-0131&language=PT&ring=A6-2008-0070>, 18/08/2009.

Viana, Isabel (s/d). Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.